

SESSÕES DO PLENÁRIO

30ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 24 de agosto de 2023.

PRESIDENTE: DEPUTADO ADOLFO MENEZES

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia do Soldado, proposta por este deputado.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido, para compor a Mesa, o Sr. José Elito Carvalho Siqueira, general do Exército brasileiro, ex-ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e ex-comandante da 6ª Região Militar; o Sr. Artur Costa Moura, general do Exército brasileiro, ex-comandante militar do Nordeste e ex-comandante da 6ª Região Militar; o Sr. Marcelo Arantes Guedon, general de Divisão do Exército brasileiro, comandante da 6ª Região Militar; o Sr. Antônio Carlos Cambra, vice-almirante, comandante do 2º Distrito Naval; o Sr. Baltazar Miranda Saraiva, desembargador do TJ-BA, neste ato, representando o Sr. Nilson Soares Castelo Branco, presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; o Sr. Nelson Gaspar Álvares Pires Neto, chefe de gabinete, neste ato, representando o Governo do Estado da Bahia e o Sr. Marcelo Werner, secretário da Segurança Pública do Estado da Bahia; o Sr. José Batista Santana Júnior, desembargador eleitoral, neste ato, representando o Sr. Roberto Mainardi Frank, desembargador e presidente do Tribunal Regional Eleitoral; o Sr. Henrique Trindade, advogado e amigo do Comando da 6ª Região Militar; o Sr. Sérgio Simões, coronel da PM-BA e comandante do Policiamento Regional Central, representando, neste ato, o Sr. Paulo José Reis de Azevedo Coutinho, comandante-geral da Polícia Militar do Estado da Bahia; o Sr. Jadson Ferreira de Almeida, tenente-coronel e comandante de Operações do Corpo de Bombeiros Militar da Bahia, neste ato, representando o Sr. Adson Marchesini, comandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar do Estado da Bahia; o Sr. Leandro Vasconcellos Rangel, major e chefe da sessão médica da Base Aérea do Salvador, neste ato, representando o Sr. Vinícius Guimarães Nogueira; coronel-aviador e comandante da Base Aérea do Salvador; a Sr.ª Mônica de Paula Oliveira Pires de Aragão, defensora pública do estado da Bahia, neste ato, representando a Sr.ª Firmiane Venâncio do Carmo Souza, defensora pública-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia; e, por último, o Sr. Isaac Figueira Miranda, superintendente estadual da Abin. (Palmas)

Convido todos para ouvirmos e cantarmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Pausa)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, assistiremos ao vídeo institucional do Exército brasileiro.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Antes de passar a palavra, vou fazer aqui o meu pronunciamento.

O Sr. ADOLFO MENEZES: (Lê) “Saudações às senhoras e aos senhores presentes a esta sessão especial, na qual comemoramos, neste 25 de agosto, o Dia do Soldado e reverenciamos o maior de todos, o patrono do Exército brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias.

É uma grande honra, para mim, comemorar este Dia do Soldado no ciclo das festividades dos 200 anos da Independência do Brasil, na Bahia. Aliás, tenho repetido várias vezes, fazendo coro a grandes historiadores: o Dois de Julho é o real Dia de Independência do Brasil.

Foi nesta data e aqui na Bahia que a resistência portuguesa foi derrotada e os últimos soldados foram expulsos do país. Para nós, baianos, Caxias se faz presente na data em que o Brasil consolidou a sua independência em terras soteropolitanas. Ao lado do tio, coronel José Joaquim de Lima e Silva, Caxias foi um dos comandantes do Batalhão do Imperador.

Luís Alves de Lima e Silva lutou em, pelo menos, três ataques, nos dias 28 de março, 3 de maio e 3 de junho, durante o cerco contra posições portuguesas ao redor da cidade do Salvador, todos bem-sucedidos.

Ainda em 1822, ele tomava conhecimento dos motins do brigadeiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães, liderando militares brasileiros contra o brigadeiro Madeira de Melo, comandante das armas e líder dos militares portugueses.

Os conflitos de inspiração nativista provocaram cerca de 200 baixas. Dentre elas, houve a morte da abadessa e soror Joana Angélica. O brigadeiro Manoel Pedro foi capturado e remetido preso para Portugal.

De tudo isso, as informações chegavam ao tenente Luís Alves, na Academia Real do Largo do São Francisco, bem como as de que a maioria dos brasileiros julgava necessário e mesmo impositiva: a separação do Brasil de Portugal, para assegurar direitos adquiridos e proteger os interesses brasileiros futuros.

Caxias, junto ao seus pai e tios, nascidos no Brasil, tornou-se um entusiasta da causa da independência, um anseio popular generalizado. Para fazer face à resistência à independência na Bahia, foi organizado o Batalhão do Imperador, o exército libertador.

Colocado sob o comando e o subcomando dos seus tios, os futuros Visconde de Magé e Barão de Suruí, Caxias foi nomeado o ajudante do Batalhão. Caxias é considerado o primeiro porta-bandeira da primeira bandeira do Brasil independente e um combatente orgulhoso pela consolidação da independência na Bahia, em 2 de julho de 1823. Isto constituiu, sempre, o seu maior orgulho!

Que a figura de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, sirva de inspiração aos mais de 5 mil militares da 6ª Região Militar, tão bem comandada pelo general Guedon, neste momento, grande comando que engloba as 15 organizações militares do Exército na Bahia e os 16 Tiros de Guerra no nosso estado.

Antes do encerramento desta sessão especial, quando evocamos a figura do mais ilustre soldado do Brasil, relembremos um trecho do Hino a Caxias:

(...)

Salve, Duque Glorioso e sagrado

Oh, Caxias, invicto e gentil!

Salve, flor de estadista e soldado!

Salve, herói militar do Brasil.

(...)'

A celebração deste 25 de agosto, antecipada em um dia para hoje, nesta sessão especial, é a reafirmação de que confiamos, totalmente, nos nossos soldados, garantidores da paz, da democracia e da nossa liberdade em tempos de crise. A manutenção da soberania nacional está nas mãos de vocês, bravos soldados.

Repetindo o mestre Rui Barbosa: 'Uma nação que confia apenas em seus direitos, em vez de confiar em seus soldados, engana a si mesma e prepara a sua própria queda.'

Não vamos nos quedar, nossa democracia está sólida, a nossa Constituição está garantida por vocês, bravos soldados dessa imensa pátria Brasil.

Sou também um soldado a serviço da Bahia e do Brasil, incorporei o princípio ditado pelo Duque de Caxias para minha vida política: 'A minha espada não tem partido.'

Por isso, com os meus 62 pares nesta Casa, sou como um soldado de Caxias, defensor intransigente do diálogo e partidário da democracia, em defesa da vida e dos interesses maiores do Brasil e da Bahia.

Viva ao soldado brasileiro, viva à Bahia, viva ao Brasil!

Meu muito obrigado." (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

(O deputado Adolfo Menezes reassume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste instante, concedo a palavra ao comandante da 6ª Região Militar, general de divisão Marcelo Arantes Guedon.

O Sr. MARCELO ARANTES GUEDON: Inicialmente gostaria de cumprimentar as autoridades aqui presentes, em especial aquelas que compõem essa distinta Mesa, iniciando pelo nosso presidente da Assembleia Legislativa da Bahia e proponente desta sessão especial, nosso querido deputado Adolfo Menezes, a quem aproveito para agradecer por essas palavras que tanto nos motivam a seguir adiante com a nossa missão.

Também o Sr. Elito, general de exército, antigo ministro de Estado, chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República; Sr. Moura, general de exército, antigo comandante militar do Nordeste, tanto o general Elito como o general Moura, antigos comandantes da nossa 6ª Região Militar; meu amigo irmão de armas almirante Cambra, comandante do 2º Distrito Naval; e o nosso desembargador Baltazar.

Nas pessoas dos senhores, cumprimento todas as autoridades que se fazem presentes aqui, se me permitem, mais do que autoridades, amigos que a gente vem conquistando e preservando nessas relações institucionais tão sólidas que caracterizam esse Estado brasileiro.

É difícil não repetir um pouco do que eu comentei numa sessão solene similar a essa, que tivemos na segunda-feira, na nossa Câmara de Vereadores aqui em Salvador. Uma parcela dos senhores estava lá presente, então já peço desculpas se eu for um pouco repetitivo, mas tenho um trunfo na mão porque aquilo que foi preparado e lido pelo nosso presidente desta Assembleia me dá um norte muito bom. O senhor enalteceu não somente a figura do nosso patrono, mas a importância de Caxias para a consolidação daquilo que, com certeza, é a data que marca a independência do nosso país.

Então, a atuação de Caxias na Bahia e na Guerra da Independência juntamente, se me permite também aqui, com Tamandaré, dois jovens oficiais, dois jovens militares que não tinham, imagino, ideia de onde chegariam e que seus caminhos voltariam a se cruzar diversas vezes...

Mas, antes de destacar Caxias, a importância dele e principalmente o nosso Exército, aquele que comemoramos no Dia do Soldado (amanhã, 25 de agosto), e esta sessão solene permite iniciarmos essas comemorações... A importância de um patrono.

Patrono é uma referência. Em qualquer instituição, ter um patrono é sinônimo de ter um exemplo a seguir. Valores que ele, ao longo de sua vida, idealizou, professou e cumpriu serão modelos para todos nós, nosso Exército.

Além do nosso principal patrono, Duque de Caxias, tem diversos outros patronos. Sempre gosto de destacar, na Bahia, Maria Quitéria, tão importante que é para os baianos, razão pela qual o Exército também a escolheu para ser patronesse do quadro complementar de oficiais.

Então, fica claro que, para o Exército brasileiro, a figura do patrono é de suma importância, a história de Caxias é uma história longa, se eu for me arriscar aqui a descrever a sua biografia, além de me perder, tornarei a sessão longa e tediosa.

Mas é importante trazer alguns aspectos da sua biografia que permitem à gente compreender melhor porque o Exército brasileiro, em 1962, teve Caxias como patrono. Não é recente, já tinha se passado quase 100 anos da sua morte, o Exército brasileiro escolheu Caxias como o seu patrono em 1962 e o Dia do Soldado em 1923, centenário do 1823.

Ou seja, escolher o Dia do Soldado no dia do nascimento de Duque de Caxias, já que ele nasceu em 25 de agosto de 1803, já era um prenúncio do valor desse militar e, como nosso deputado colocou, militar e estadista. Por diversas vezes, ele ocupou funções relacionadas à vida política: deputado, senador, ministro, presidente de conselho de ministro.

Mas volto a 1803. Nasce ele na Fazenda São Paulo, hoje município de Duque de Caxias, na época Vila do Porto da Estrela, era uma vila que estava próxima à Baía de Guanabara. Ele tinha importância, neto de português, filho de brasileiro e de uma família de linhagem militar, essa é a razão pela qual, com 5 anos, recebeu o título de cadete, quando era jovem oficial.

Eu falava: “Rapaz, esse cara era bom mesmo, com 5 anos já tinha entrado no Exército”. Mas me corrigiram um pouco mais à frente: “Não, não entrou! Com 5 anos, ele só recebeu o título porque a sua família tinha essa história militar”.

Mas é importante entender, ele era neto de português, ele foi lutar na Bahia para assegurar a independência do Brasil, então, com certeza, na sua casa, valores associados a Portugal eram transmitidos, mas seu pai, seus tios nasceram no Brasil.

Estudou no Convento São Joaquim, onde hoje se localiza o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, muito próximo ao Quartel do Campo de Santana, onde atualmente está instalado o Palácio Duque de Caxias, que é sede do Comando Militar do Leste, da 1ª Região Militar, do Departamento de Educação e Cultura e de diversas outras organizações militares, é um dos principais complexos do nosso Exército.

Então, aquele jovem estudante civil, apesar de ter o título de cadete, estudou muito perto de onde ele teria o seu panteão e um palácio com o seu nome. Ingressou... obviamente, estando numa família militar, com essa forte influência, ingressou na

academia militar, fez a sua carreira jovem, entrou com 15 anos e concluiu ao redor de 20 anos de idade, uma conclusão, para época, normal.

Hoje o oficial sai da academia com 22, 23 anos. Ele era bastante jovem e, quando saiu da academia militar, foi esse ambiente que encontrou, uma independência proclamada às margens do Riacho Ipiranga, mas muito longe de estar consolidada. O Norte do Brasil, onde o Nordeste era considerado, a Bahia era considerada, com certeza, a nossa principal mola propulsora da economia, do desenvolvimento, rivalizando com o Rio de Janeiro, não tinha aderido.

Aqui, Madeira de Melo e Portugal continuavam dando as ordens, nosso recém-intitulado imperador, Dom Pedro I, montou o Batalhão do Imperador e organizou a primeira organização militar, de fato, do nosso país. O que tinha anteriormente era de Portugal.

Esse batalhão era comandado pelo tio de Caxias, José Joaquim, e Caxias foi indicado, já concludente da academia militar, para ser o porta-bandeira e ajudante de ordens. Ele recebeu, das mãos do imperador, a bandeira do Império e recebeu, junto com o seu batalhão, obviamente, a missão de vir combater aqui, na Bahia, as tropas de Madeira de Melo.

É esse jovem oficial de 20 anos que vai ter o seu batismo de fogo. É bom nós associarmos: quem nós conhecemos com 20 anos de idade? Será que nós temos conhecimento de jovens que, com 20 anos, estavam em campos de batalha?

Era comum naquela época, e Caxias, então, teve o seu batismo de fogo. Prosseguiu na sua carreira militar já voltando daquela campanha que ele levou com muito carinho por toda a sua vida, o orgulho de ser considerado um veterano. Quando a gente fala “veterano”, geralmente vem a imagem de uma pessoa de mais idade, e Caxias era veterano da Campanha da Independência. Esse era um dos títulos pelo qual ele mais prezou ao longo de toda a sua vida. Já veterano da campanha da independência, vai participar da campanha da Cisplatina, e vai prosseguir a sua vida militar enfrentando no Brasil quatro campanhas internas, campanhas difíceis de serem superadas, iniciando com a Balaiada, no Maranhão.

Ainda tenente-coronel, vai para aquela província e consolida a paz, consegue fazer a paz. E Caxias, cidade do Maranhão, à época não era ainda uma cidade, mas foi onde começou, junto com outras localidades, e onde praticamente terminou o conflito da Balaiada, razão pela qual Caxias vai receber, então, o título de nobreza de Barão de Caxias. Essa é a razão pela qual Duque de Caxias recebe a denominação desse nosso patrono, e Caxias do Sul também.

Mas essas cidades, no início, também eram conhecidas como Caxias. Teve uma lei, no início do século XX, que disse que não poderia ter cidade homônima no Brasil, para não tocar horror. Então, Caxias no Rio de Janeiro virou Duque de Caxias; e Caxias, para se opor à do Norte, virou Caxias do Sul. As três cidades que levam o nome do nosso Duque de Caxias.

Da Balaiada, ele vai fazer duas outras campanhas importantes, vai pacificar São Paulo e Minas Gerais, tudo sob o seu comando direto, 1841, 1842. E dessa campanha de pacificação já emerge, com muita clareza, essa alcunha de “o pacificador”, razão pela qual é escolhido novamente para ir para o Rio Grande do Sul, onde um conflito já se estendia por mais de 7 anos, a Guerra dos Farrapos. Caxias é nomeado comandante-em-chefe das tropas do Sul e consegue pacificar.

A passagem que marca muito Caxias nessa época, e até mesmo a sua visão de estadista, é que ele inicia em Porto Alegre fazendo um discurso no qual ele chama a atenção de quem estava tendo a briga interna, e falava: “Vamos tomar atenção com o verdadeiro inimigo, um inimigo de valor que está diante de nós”, se referindo a Oribe.

“Abracemo-nos e marchemos não mais peito a peito, mas, sim, ombro a ombro, em defesa da pátria, que é a nossa mãe comum”. Essa frase de Caxias tem um efeito muito grande, e ele consegue cumprir a sua missão: pacificar Farrapos. E como estadista, como um grande estadista, anteviu, de fato, a situação de que teríamos a guerra contra Oribe e Rosas.

Não é muito difícil imaginar quem foi o comandante dessa campanha: novamente Caxias vai fazer a campanha externa, sua primeira campanha externa, comandando contra Oribe e, na sequência, contra Rosas, e também se sai vencedor.

Senador pelo Rio Grande do Sul, faz um trabalho muito bom. E o Brasil inicia um período muito complicado em relação ao seu vizinho Paraguai. É feita a Tríplice Aliança, o Brasil inicia a campanha. Caxias, ainda senador, tinha posições, como o nosso deputado colocou, porque ele era do Partido Conservador e havia um movimento liberal muito forte.

Quando ele é chamado, em 1866, para assumir a função de comandante-em-chefe das tropas brasileiras, utiliza isso: “Minha espada não tem partido e vai defender o Brasil.”

E eu gosto de chamar a atenção sobre um outro aspecto, eu falei do jovem aspirante, alferes à época, tenente posteriormente, que veio aqui, à Bahia, ter o seu batismo de fogo. Coloquem agora a data de 1866, são 63 anos de idade quando ele recebe a missão de vir a ser comandante-em-chefe. Quando ele é consultado e o ministro da Guerra solicita a ele rapidez, o que é que ele pede? Duas horas. “Me dê 2 horas para poder ir em casa pegar duas canastras de roupa e eu embarcar nesse vapor que o senhor está me indicando”, ele responde dessa maneira.

Não há como não ter uma admiração por esse senhor de 63 anos. Ir até o Paraguai, hoje, já é uma boa viagem. Se o general Moura me permite, eu sempre coloco que o general Moura teve a oportunidade de servir na Cooperação Militar Brasileira no Paraguai. Também tive essa mesma oportunidade. E tivemos a oportunidade de visitar todos os sítios históricos da denominada Guerra da Tríplice Aliança, de Passo da Pátria até Cerro Corá. E eu asseguro a todos vocês, hoje é uma viagem desgastante com tudo que a gente tem de conforto, vocês imaginem para um senhor de 63 anos, em 1866, ter essa missão.

E não é receber a missão, eu falo também... Permitam-me uma brincadeira. Não jogo bola bem. Tentei quando jovem e não consegui. Mas eu sempre gosto de dar o seguinte exemplo: mesmo sendo um mau jogador, é muito bom jogar em time ruim. Eu joguei em time ruim, meu time perdia sempre. Então, era fácil, porque jogar em time ruim, se você for ruim, o que eu era, não muda o resultado, já está perdendo mesmo.

Então, jogar em time ruim e estar na reserva é mais fácil ainda. Então, o time está perdendo de 4x0 e você entra. Se perder de 6, vão falar; “Pô, já estava de 4, perder de 6 não tem problema nenhum”. Mas jogar em time bom é complicado, jogar em time bom significa que a gente tem que fazer um esforço muito grande para manter.

E o Exército Brasileiro que estava nessa campanha era um Exército Brasileiro de 50 mil homens que conduzia a campanha praticamente sozinho. Argentina e Uruguai

eram praticamente uma representação e o Brasil é que, de fato, conduzia. Então, ele foi chamado para comandar isso. A dificuldade é que ele foi chamado num momento ruim. Então, o time bom, muito bom, naquele momento estava perdendo, porque tinha levado uma derrota, a primeira derrota, em Curupaiti. Aí, Caxias é chamado para ir comandar a tropa brasileira.

Vejam a dificuldade desse senhor, estrategista, não somente na parte militar, como estadista também. Mas, como estrategista, a primeira coisa que ele faz é organizar o Exército para a campanha, praticamente. Não prossegue, vai organizar a logística, vai organizar a parte de saúde. É o primeiro emprego de balões. A nossa Força Aérea aqui, que a gente sempre deixa um pouquinho de lado quando fala de 1880, a nossa Força Aérea tinha ali o seu embrião, com certeza. Então, os balões adquiridos nos Estados Unidos foram empregados naquele momento.

O primeiro emprego de balões de que se tem notícia na América do Sul veio desse emprego na Guerra de Secessão norte-americana e foi utilizado na Guerra do Paraguai por Caxias, que passa a conhecer melhor o teatro de operações e vai idealizar duas manobras de flanco que entram para a história militar como exemplos muito bem-sucedidos: Humaitá e, depois, a estrada do Chaco.

Então, essa organização que ele faz, em 67, permite conquistar o Humaitá, que era a grande barreira. Não se passava de Humaitá, a nossa força naval era superior, muito superior, mas não conseguia ultrapassar. Posição fortificada, correntes impedindo a passagem, atrasando, e uma bateria muito bem instalada, puxando a brasa para a sardinha da engenharia, construídas, pelo menos o planejamento, por Villagran Cabrita, que é patrono da nossa engenharia, mas que foi o instrutor do embrião da Cooperação Militar no Paraguai.

Eu estou contando isso para se entender um pouquinho mais o que leva Caxias a fazer a manobra de flanco que, hoje, com certeza, é referência na história militar. Então, ele faz a manobra de flanco da estrada do Chaco. E aqui o nosso 19º BC tem uma participação histórica nisso.

Quem recebe a missão? Argolo. Alexandre Gomes de Argolo Ferrão Filho, filho de Alexandre Gomes Argolo, que comandou tropa na guerra de independência. Quando ele passa a missão para Argolo, para fazer uma estrada pelo Chaco paraguaio, numa região de pântano, ele vai atravessar o rio Paraguai e desbordar toda a tropa paraguaia. Vai quase perto de Assunção, uma manobra difícil até de conceber, ainda mais para quem não tinha carta militar e nem imagem aérea.

A missão de Argolo foi difícil, e Argolo responde ao Duque de Caxias, a época ainda não era Duque, mas a Luís Alves de Lima e Silva, o nosso, a época, se não me engano, já era conde: "Marechal, se for possível, está feito. Se for impossível, vamos fazê-lo", e fez.

E aqui um aspecto da personalidade do Caxias. Caxias, quando vai inspecionar a estrada do Chaco, encontra uma equipe de militares brasileiros trabalhando e um militar deitado, farda desabotoada e deitado ali no chão. E ele vê que é um oficial. Se aproxima e na hora esse oficial se levanta. Levanta, pede desculpa por estar ali descansando um pouco, porque vinha de trabalho. E Caxias, além de perguntar a sua apresentação, a qual ele faz, capitão Floriano Peixoto, o nosso futuro presidente, e o Duque de Caxias, o nosso conde, Luís Alves de Lima e Silva, pede a ele: "Mostre as suas mãos!" Quando ele mostra as mãos, estavam todas ensanguentadas de estar trabalhando. Caxias o

cumprimenta, prossegue e o seu ajudante de ordens pergunta: “O senhor não vai puni-lo?” “Não! Vou fazer uma menção honrosa. Ele estava comandando os seus homens pelo exemplo e quando o chamei ficou corado. Ou seja, se envergonhou de ser pego por seu comandante deitado e descansando”.

Então, esse era o espírito de construir uma estrada em um local com dificuldade até hoje. E ele faz essa manobra, vai sobre a retaguarda do inimigo.

Em Itororó ele, agora, já estava com 64 anos de idade. Itororó era uma posição paraguaia que, com uma pequena ponte em um local onde o rio é muito encaixotado e profundo, não tinha como desbordar. Tropa brasileira atrás de tropa ia sendo eliminada pelo inimigo e Caxias vê que perderiam aquela batalha importante, porque dali ele prosseguiria para atacar a retaguarda paraguaia.

Ele assume a liderança, montado no seu cavalo, vai brandir a espada – a gente viu no filme o momento estilizado que Caxias fez isso – e lança a frase: “Sigam-me os que forem brasileiros”. Sobre esse episódio, a gente pode se perguntar: “Mas será que isso aconteceu? Foi narrado por quem?” Por Dionísio Cerqueira, baiano, no seu livro *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Então tem que acreditar que é verdade. Essa ida de Caxias à frente arrasta a tropa toda e eles conseguem essa importante vitória. Depois, vem a chamada Dezembrada, com as batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas e eles prosseguem vitoriosos, o que vai permitir entrar em Assunção.

Um outro aspecto que eu estou contando, porque acho que são aspectos interessantes para conhecer acerca de Caxias, é sobre o Avaí, que é retratado por Pedro Américo, logo após a guerra. Pedro Américo vai a Florença, é contratado pelo império para pintar quadros, particularmente, da batalha do Avaí, e ele faz um profundo estudo e um trabalho maravilhoso, resultando em um quadro de 50 metros quadrados, uma senhora pintura, talvez um pouco menor do que este belíssimo painel que nós temos aqui, mas Pedro Américo faz esse trabalho.

E, quando Caxias vai conhecer a pintura, o faz acompanhado de Dom Pedro II, à época, o nosso imperador, e Caxias não gosta da sua imagem porque ele está com a farda desabotoada. Eu brinquei com o senhor que tinha que ver, dei uma olhadinha e está desabotoada mesmo. E o Pedro Américo justifica-se dizendo que como ele tinha contraído malária no Maranhão, pegou uma doença hepática, ele passou esse problema muito severo no Paraguai, foi a forma que Pedro Américo encontrou para colocar isso. E Caxias falou: “Esse senhor nunca me viu desabotoado”. E não gostou de ter se visto daquele modo, mas continua desabotoado para ver o que significa a imagem desse senhor.

Ele entra em Assunção no início de 1869, mas o Tratado da Tríplice Aliança, tinha que ter a morte ou a prisão de Solano López. Isso não tinha sido feito. Caxias entra em Assunção vitorioso, mas Solano López escapa para Cerro Corá, onde ele, antes de Cerro Corá, fez uma campanha da Cordilheira.

Então não capturam o Solano López, mas o Caxias, com a saúde desgastada, sente que é o momento de ele sair. E ele acha que, com os dois objetivos militares conquistados, Humaitá e Assunção, além, praticamente, da eliminação da reação paraguaia, tinha cumprido a missão. Ele volta e não é recebido por ninguém no porto, a não ser por sua esposa e parentes por parte dela.

Eu contei ali do batalhão do imperador. Caxias, quando esse batalhão está sendo organizado, recebe a missão de pegar a região do atual Campo de Santana, que fica na

frente do Palácio Duque de Caxias e transformar aquele bonito jardim num campo de treinamento. Quem tinha feito aquele jardim? O sogro de Caxias, que morava defronte e tinha sido uma espécie de prefeito do Rio de Janeiro. Ele fez o jardim, mas Caxias destruiu o jardim que era a alegria do seu futuro sogro. Isso em 1822. Ele aniquilou o jardim para ser um campo de treinamento militar e o seu sogro, que ele nem conhecia ainda, ficou muito desgostoso. A esposa, inclusive, disse que ele veio a falecer por causa desse desgosto.

Caxias se casa com Ana Luísa. Inclusive, é um casamento sobre o qual alguns biógrafos afirmam que foi sem consentimento da sua sogra, que sabia que Caxias tinha destruído o jardim. O casal tem três filhos: Luísa, Ana e Luís Alves, que morreu aos 14 anos. É esse senhor que vai para essas campanhas, tendo enterrado o seu filho de 14 anos. Depois que retorna do Paraguai, prossegue a sua vida, praticamente obscurecido, mas ainda participa, como estadista, principalmente da campanha abolicionista. Em 1880, vem a falecer na Fazenda Santa Mônica, que é, atualmente, ali, próximo a Valença, no estado do Rio de Janeiro.

Bem, contei aqui em rápidas pinceladas – não tão rápidas assim –, mas eu acho que, de uma maneira um pouco mais pitoresca, porque é importante vermos quem nos serve de referência, que é esse senhor que eu pude retratar. Caxias, para nós, oficiais do Exército brasileiro, subtenentes, sargentos, cabos e soldados, é fundamental, é uma referência.

Cadetes, quando ingressam na Academia Militar das Agulhas Negras, no seu 1º ano, como aconteceu agora, no dia 19 de agosto, recebem uma miniatura da espada invicta de Caxias. Quando recebemos o espadim, recebemos o sabre de Caxias como o próprio símbolo da honra militar, uma bonita cerimônia. E, na formatura de aspirante, restituímos esse sabre, que é numerado, e ele vai ser utilizado por outros cadetes. Isso foi feito por José Pessoa, em 1932, e até hoje é uma tradição do nosso Exército. O sabre de Caxias está no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de lá só sai em ocasiões especiais. Este ano, novamente, saiu para ir à academia.

Encerro estas palavras buscando agora fazer a ligação de tudo isso com o nosso Exército. Como eu falei na segunda-feira, falei agora na entrevista aqui para a *TV ALBA*, que quando a gente fala “nosso Exército”, é exatamente isto que a gente quer transmitir, que não é nosso, apenas de quem está fardado ou dos nossos veteranos – se assim os senhores permitem chamar – que nos servem de exemplo. Mas é nosso Exército de todo o nosso país, de todo o Brasil, de todos os brasileiros, como o nosso deputado tão bem destacou.

Esse Exército trabalha diuturnamente, buscando, mediante um preparo profissional, estar permanentemente em condições de ser empregado para assegurar a nossa soberania. Essa é nossa missão principal, mas não nos restringimos a ela, outras missões constitucionais nos são afetas.

Gostaria de destacar essa nossa participação no desenvolvimento nacional, seja realizando obras de engenharia; seja desenvolvendo materiais de emprego militar e contribuindo com a ciência e a tecnologia; seja nas campanhas de vacinação durante a pandemia da Covid-19 ou contribuindo com a nossa Defesa Civil, aqui representada pelo nosso amigo secretário Sosthenes. Tivemos aqui na Bahia, entre os anos de 2021 e 2022, uma grave calamidade, juntos, com polícia, bombeiros, os órgãos de segurança pública, com os quais tão bem nos relacionamos aqui, estávamos lá trabalhando. É esse o nosso

Exército, é o Exército que participa de operações internacionais, defendendo interesses do nosso estado e não interesses do Exército brasileiro.

Estivemos, desde o início de operações de paz na Faixa de Gaza, prosseguimos com missões na África, no Haiti à frente de missões de paz, por mais de 20 anos, e mesmo depois da recente saída das missões da Organização das Nações Unidas, ainda hoje, o nome do Brasil é sempre lembrado para esse retorno. E tantas outras missões que deixam a nós soldados orgulhosos de trabalharmos em proveito do nosso país, como o nosso patrono fez, como o nosso Duque de Caxias trabalhou e o orgulho que a gente tem de servir ao nosso país, como todos que estão aqui presentes também o fazem, nas suas diferentes instituições.

Hoje, a gente puxa um pouquinho a brasa para a nossa sardinha, estamos homenageando e, agradeço mais uma vez, ao senhor, deputado Adolfo Menezes, e a toda esta Assembleia, a oportunidade que o senhor nos dá de destacar a figura do nosso patrono e do nosso Exército. O meu muito obrigado ao senhor, a todos os deputados desta Casa e a todas as instituições, que, aqui representadas, fazem a nós soldados do Exército, orgulhosos da nossa profissão e aumentam, em nós, a responsabilidade por essa bonita missão que recebemos de nosso país.

O meu muito obrigado a todos e um ótimo dia.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Depois de ouvirmos essa bela aula de história eu só sinto, general e todos os presentes, que, infelizmente, por exemplo, ali na Liberdade, um dos maiores bairros de Salvador, com certeza absoluta, poucos dos milhares de moradores, sabem por que a rua se chama Lima e Silva e por que o colégio é Duque de Caxias.

Que bom seria, General Guedon, o senhor que deu essa bela aula de história, que milhões de brasileiros, em vez de estar acessando o Tiktok e outras inutilidades, estivessem acessando e ouvindo aulas de história, como a que o senhor proferiu aqui, para que aprendessem dar valor aos heróis do nosso país, que, infelizmente, no mundo que a gente vive, principalmente, no nosso país, onde a educação vai de mal a pior, apesar de ser investido como nos maiores países do mundo, porque é investido muito, mas é dinheiro jogado fora na maioria das vezes, porque não é aproveitado. A gente sabe que é a base de tudo é a educação, para que a gente saia dessa mesmice e alcance níveis que a gente deseja.

Então, parabéns ao Exército brasileiro, parabéns a todas as forças aqui, a todas as autoridades presentes. Para mim é uma honra sempre, quando eu tenho a oportunidade de homenagear homens que dirigem e que comandaram outras regiões, que foram ministros, como os generais aqui ao meu lado, que eu já tive oportunidade também de homenageá-los aqui durante meu período na Assembleia. E hoje é o Dia do Soldado. Para mim, do coração, eu sempre me emociono quando eu vejo essas sessões das Forças Armadas. A Marinha – está aqui o amigo almirante Cambra – o Exército e a Aeronáutica estão aqui presentes nesta Casa. Neste Brasil, que precisa de tanta coisa, eu gostaria de parabenizar a todos, não só em nome dos deputados, acredito que em nome dos brasileiros, pelos serviços de todos vocês. É uma honra muito grande.

Então, quero agradecer a presença de todos nessa manhã e dar por encerrada esta sessão. Que Deus ilumine a todos nós.

Muito obrigado.

Desculpem, pela minha emoção aqui, eu já ia esquecendo do Hino da Bahia que vai ser executado pela Banda de Música da 6ª Região Militar.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Mnezes): Eu já havia encerrado, mas vou encerrar novamente. Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença de todos e das autoridades.

Bom dia e que Deus nos proteja.

Um abraço.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.